



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

Notícias 6

Junho 2011 | www.fnlij.org.br

Brasil será homenageado na Feira de Bolonha de 2014

A literatura infantil e juvenil brasileira será duplamente homenageada no exterior nos próximos anos. Em 2013, o Brasil será destaque na Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, maior evento do mercado de livros na Europa, e no ano seguinte, o país será o homenageado na Feira de Bolonha, na Itália, considerada a maior feira internacional de livros para crianças e jovens. “É o reconhecimento de que continuamos produzindo livros de qualidade. Nossa produção é expressiva e já temos vários autores premiados internacionalmente. Há, portanto, um reconhecimento internacional em expansão e o estande é bastante procurado” conta Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, após receber, da diretora da Feira, Roberta Chini, a confirmação da notícia de que o Brasil será o país homenageado na Feira de Bolonha em 2014.

A duplicidade de homenagens se repete quase 20 anos depois de ser destaque nas duas feiras internacionais de livros. Em 1994 na Feira de Frankfurt e no ano seguinte na Feira de Bolonha. Nas duas homenagens, a FNLIJ foi a responsável pela curadoria e pela organização das exposições e dos catálogos de literatura infantil e juvenil.

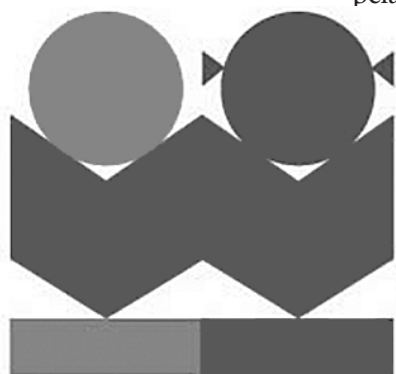
A FNLIJ participa da Feira de Bolonha desde 1974, quando a presença do Brasil no mercado internacional de livros literários para crianças e jovens ainda era tímida. A bibliotecária Ruth Villela, uma das três fundadoras da FNLIJ, levava os livros na própria mala, a exposição era em uma pequena mesa e o catálogo feito de forma artesanal. “Vou à feira há 21 anos e é visível o aumento do interesse pelos nossos livros e a repercussão do trabalho dos escritores, ilustradores e dos editores”. Sobre a importância da Feira, Elizabeth Serra comenta: “Nos anos 1990, quando surgiu o fax diziam que as feiras iriam diminuir, o que não aconteceu. Depois com a chegada da internet acreditava-se que os negócios estariam sendo fechados fora das feiras, reduzindo o número de pessoas nos eventos. Mas, ao contrário, as novas tecnologias não diminuiu a presença das pessoas na Feira de Bolonha e favoreceu o aspecto cultural”. A feira é a única no mundo com atividades exclusivas para profissionais do mercado editorial de livros infantis e juvenis.

A Câmara Brasileira de Livros – CBL – apóia, juntamente com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL, o estande organizado pela FNLIJ. Há dois anos, a CBL,

além de continuar com esse apoio, ampliou sua participação com um estande expondo obras de editoras integrantes do Brazilian Publisher, projeto que reúne editores interessados em comercializar livros no exterior. Este ano a CBL participou com 12 editoras. De acordo com a coordenadora do projeto, o mercado de livros infantis e juvenis é o que mais cresce no setor editorial brasileiro. “É o nicho que mais cresce porque o governo brasileiro tem feito vários movimentos de incentivo e o maior comprador de livros infantis no país”, comenta Dolores Manzano, gerente de projetos da CBL e coordenadora do Brazilian Publisher.

Ser o país homenageado significa assumir uma série de compromissos e providências a serem tomadas. “Hoje, o país homenageado na Feira de Bolonha tem que estar presente fora do recinto da feira, promovendo sua cultura em espaços diferentes. A cidade onde acontece a feira possui uma universidade, considerada a mais antiga do mundo, livrarias e espaços culturais. É um momento de enorme visibilidade para a literatura infantil e juvenil brasileira”, diz Elizabeth Serra. Na Feira de Bolonha há um espaço nobre dedicado a exposições de ilustradores e prêmios para os melhores livros e ilustrações.

Trazer essa missão tão importante na bagagem, de volta ao Brasil, estimula e unifica os profissionais que trabalham em prol da qualificação da literatura infantil e juvenil brasileira com o forte propósito de realizar dois grandes eventos de repercussão internacional, divulgando o trabalho de nossos autores.



BRASIL 2014

**BOLOGNA
CHILDREN'S
BOOK
FAIR**

Conheça nesta edição os premiados FNLIJ.

Acadêmicos autores de Literatura Infantil e Juvenil

Com o título acima a crítica literária e fundadora da FNLIJ, Laura Sandroni intitulou o artigo de sua autoria para o 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras: *revisitando os clássicos*, apresentado durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo, RS, no dia 27 de outubro de 2009. O texto é resultado de uma pesquisa elaborada pela autora em que pontua os acadêmicos e suas obras voltadas para o público infantil e juvenil. Depois de lido no evento organizado pela Universidade de Passo Fundo, que reúne mais de cinco milhões de pessoas na cidade gaúcha, o escrito foi publicado no Notícias 3, de março de 2010, no Suplemento *Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil*. Fascículo nº 40.

Lendo o texto *Acadêmicos autores de Literatura Infantil e Juvenil* publicado no Notícias 3, a acadêmica Ana Maria Machado, secretária geral da ABL, pensou na possibilidade de propagar a pesquisa divulgando o nome de autores acadêmicos que ao longo da sua trajetória escreveram para crianças e jovens ou tiveram as suas obras direcionadas para o público jovem. A ideia resultou em um pequeno catálogo em formato de brochura e um folder sobre o assunto, ilustrados com fotos dos autores e

as capas das suas respectivas obras. As duas publicações foram elaboradas pela Academia Brasileira de Letras e são distribuídas para os jovens que participam da Visita Guiada à ABL.

A partir do convite feito pela acadêmica, a Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Conselho Curador da FNLIJ Laura Sandroni ampliou sua pesquisa. O texto foi o produto final de um trabalho mais apurado. De acordo com Laura Sandroni, a publicação colorida, ilustrada com fotos dos acadêmicos e as capas de suas obras, foi uma surpresa para ela. “Fiquei muito feliz porque está muito bonito”, festeja a autora do texto.

O catálogo e o folder *Acadêmicos autores de Literatura Infantil e Juvenil – Visita Guiada* – são distribuídos gratuitamente aos jovens, com idade acima de 12 anos, que participam da visita conduzida por um grupo de atores à ABL, quando os visitantes percorrem as instalações da instituição, ouvindo sua história.

O catálogo tem na capa uma foto de J. David, da sede da Academia Brasileira de Letras, o Petit Trianon, com técnica de Aquarela sobre papel Fabriano. A publicação de 42 páginas, no formato bolso, abre com um texto curto introdutório e descreve a trajetória

de cada um dos 37 citados na publicação e os títulos de suas obras, começando por Olavo Bilac, passando por Guilherme de Almeida, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Orígenes Lessa, Carlos Heitor Cony, Zélia Gattai, Ana Maria Machado, Moacyr Scliar e muitos outros. Além de membros da ABL que escrevem para crianças e jovens, o catálogo cita acadêmicos que não tiveram obras diretamente voltadas para esses leitores, porém hoje são livros lidos nas escolas, como as obras de Machado de Assis, e Manuel Bandeira (em edições especiais de textos selecionados); e ainda Raul Pompéia, Manuel Antonio de Almeida, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna. O folder traz as capas das 87 obras citadas no catálogo. Mais informações por meio do site: www.academia.org.br



FNLIJ participa de Semana Acadêmica da Faculdade Simonsen

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil esteve presente na Semana Acadêmica de Letras – *Língua e Literatura – Um enfoque multidisciplinar*, no dia 12 de abril de 2011, uma realização das Faculdades Integradas Simonsen, para alunos de Licenciatura em Letras. A FNLIJ foi representada por Lucília Soares, substituindo a secretária geral, Elizabeth Serra, ministrando a palestra *A importância do ato de ler*. Lucília falou sobre a trajetória da FNLIJ e os principais projetos literários, como o Salão do Livro,

o Natal com Leituras, o Momento Literário de Barra Mansa e os cursos realizados em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ. Falou da parceria com os Institutos Ecofuturo e C&A. Além das ações de incentivo à leitura e a qualidade editorial brasileira, por meio do Prêmio, dos Concursos, do Catálogo para a Feira de Bolonha e a participação do Brasil no evento. No período de quase duas horas em que falou para uma plateia de aproximadamente 90 universitários das áreas de Letras e Pedagogia, a representante da

Fundação ressaltou a parceria da FNLIJ com o Movimento Brasil Literário e a importância da ação que começou a dois anos na FLIP.

A FNLIJ recebeu o convite da professora Viviane Siqueira para participar do evento com enorme satisfação. “Iniciativa como essa das Faculdades Integradas Simonsen mostra a preocupação em desenvolver um trabalho sério direcionado à literatura infantil e juvenil”, comemora Elizabeth, que não pode comparecer ao evento devido a um compromisso profissional agendado anteriormente.

Os 80 anos de Reinações de Narizinho

Abril é o mês em que se comemora o Dia do Livro Infantil no Brasil e no mundo. No dia 18 Monteiro Lobato é lembrado como o pai da literatura infantil e juvenil brasileira. Suas histórias se tornaram populares e a televisão imortalizou os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, cenário que deu origem a personagem Emília, que completa 80 anos.

A Folhinha de São Paulo, encarte periódico do jornal Folha de São Paulo, trouxe uma edição especial no dia 16 de abril de 2011 sobre a história de cada uma das personagens do Sítio do Picapau Amarelo e depoimentos de pessoas que sofreram influências

das histórias de Lobato, como o apresentador de TV, Marcelo Tas.

Aos 38 anos, já famoso, Monteiro Lobato percebeu que os livros infantis e juvenis eram traduzidos de forma complicada e de difícil entendimento pelos pequenos leitores. Diante dos fatos, o autor escreveu a sua primeira história para crianças, intitulada *A menina do narizinho arrebitado*, trazendo lembranças de sua vida rural, criando o cenário imaginário do Sítio do Picapau Amarelo e as personagens que acompanhariam toda a sua obra. O livro *Reinações de Narizinho*, que completa 80 anos, chegou às livrarias em 1931, com 11 histórias que podem ser lidas juntas ou separadamente.



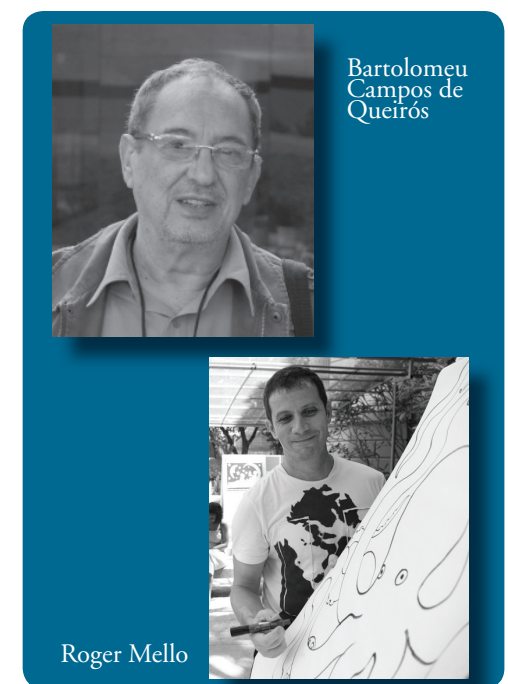
Indicações para Hans Christian Andersen 2012

AFNLIJ, como representante da seção brasileira do IBBY, indicou o escritor Bartolomeu Campos de Queirós e o ilustrador Roger Mello para concorrerem ao Prêmio Hans Christian Andersen 2012, promovido pelo International Board on Books for Young People – IBBY realizado a cada dois anos. No ano passado, Bartolomeu e Roger ficaram entre os cinco finalistas, respectivamente na categoria de escritor e ilustrador.

A revista Bookbird do IBBY (editada em inglês), de outubro de 2010, traz publicada uma imagem de autoria de Roger abrindo a matéria

sobre os cinco finalistas ao Prêmio HCA como ilustrador e um poema de Bartolomeu finalizando a edição, destacando as obras dos dois artistas brasileiros.

O Prêmio Hans Christian Andersen, também conhecido como o pequeno Nobel da literatura infantil e juvenil, já recebido por duas escritoras brasileiras, Lygia Bojunga em 1982 e Ana Maria Machado em 2000, é o mais alto reconhecimento internacional oferecido a um escritor ou a um ilustrador de livros para crianças. Os vencedores do Prêmio HCA 2012 serão conhecidos na Feira de Bolonha do respectivo ano.

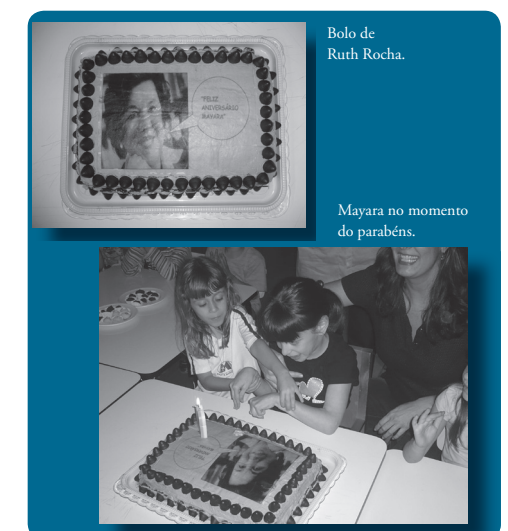


Ruth Rocha em vez de princesa

Um bolo com a foto da escritora Ruth Rocha fez a alegria da menina Mayara no dia do seu aniversário de sete anos. De acordo com D. Marisa, avó e responsável pela aproximação da menina com a leitura literária, ficou surpresa quando a neta, cadeirante, devido a um problema motor, declarou meses antes da comemoração, que não queria mais bolo de princesas ou Mickey: “Quero um bolo de Ruth Rocha”. Surpresa com a ideia da menina apaixonada por

livros e pelo mundo da fantasia, a avó não sabia como resolver o problema.

Foi então que a responsável pelos cuidados diários de Mayara, Rosiley, ampliou uma foto de Ruth Rocha revelou sobre um material comestível e a menina ganhou um lindo bolo de Ruth Rocha. Os convidados gostaram da originalidade do tema. “Ser alimento de corpo e de alma para pequenos é para poucos”, escreve D. Marisa, que se sentiu feliz por realizar um desejo da neta.



Vencedores do Prêmio FNLIJ 2011

Produção 2010

Desde 1974 a FNLIJ promove o Prêmio FNLIJ para publicações brasileiras voltadas para crianças e jovens. Este ano, a 37ª Seleção Anual recebeu 1.168 títulos produzidos em 2010 que se inscreveram para serem lidos e analisados pelo grupo de votantes que voluntariamente julga cada publicação, avaliando o conteúdo textual, as ilustrações e a qualidade editorial. O grupo de votantes é formado por Alice Aurea Penteadó Martha, CÉALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG – Responsável: Célia Abicalil Belmiro, Celina Dutra da Fonseca Rondon,

Elizabeth D'Angelo Serra, Fabíola Ribeiro Farias, Gláucia Maria Mollo, Iraídes Maria Pereira Coelho, Isabel Maria de Carvalho Vieira, Isis Valéria Gomes, João Luis Cardoso Tápías Ceccantini, Laura Sandroni, Maria das Graças M. Castro, Maria Neila Geaquinto, Maria Tereza Bom-Fim Pereira, Maria Teresa Gonçalves Pereira, Marisa Borba, Neide Medeiros Santos, PROALE – Programa de Alfabetização e Leitura - UFF – Responsável: Cecília Maria Goulart, Regina Zilberman, Rosa Maria Cuba Riche, Rosa Maria Ferreira Lima, Sueli de Souza Cagneti, Tânia

Piacentini, Vera Lúcia dos Santos Varella e Vera Teixeira de Aguiar.

No final de cada processo de análise o votante escreve uma justificativa referente ao seu voto para o primeiro colocado em cada uma das 18 categorias, as outras justificativas vão para a ficha cadastral do livro referido, e podem ser lidas no site da FNLIJ. Este ano, foram premiadas 16 categorias. Todas as justificativas dos votantes podem ser lidas no site da FNLIJ – menu Biblioteca FNLIJ. Leia a seguir as justificativas para cada livro vencedor do Prêmio FNLIJ 2011 – Produção 2010.

Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O Melhor Livro para a Criança

Palhaço, macaco, passarinho.

Eucanaã Ferraz. Il. Jaguar.

Companhia das Letrinhas

O poeta Eucanaã Ferraz brinda o pequeno leitor com um texto que encanta pela alegria e originalidade. Em *Palhaço, macaco, passarinho*, o autor revela uma rara competência e criatividade em se para escrever textos literários para crianças de pouca idade. Graça, humor e simplicidade, aliados ao aspecto lúdico são algumas das qualidades reveladas em sua leitura. As estruturas frasais são simples, ricas e, com certeza, propiciarão ao leitor ou ouvinte momentos bastante lúdicos. E, ao desvendar de cada página, a curiosidade do leitor/ouvinte vai sendo aguçada mais e mais... Em cada página, palavras são trocadas para criar novos sentidos, novos risos, novos voos imaginativos, quase um jogo de sintaxe. O texto de Eucanaã Ferraz e as ilustrações do cartunista Jaguar são um forte estímulo para a imaginação do leitor/ouvinte.

O projeto gráfico é muito atraente. Páginas coloridas em tons fortes são um espaço privilegiado para a escrita e ilustrações. Jaguar criou desenhos que, em si, trazem uma narrativa visual e que, de acordo com o leitor, poderá ser

outra história. Enfim, uma alegre e encantadora história, em um belo projeto gráfico. (Marisa Borba)

Com uma linguagem simples e original, Eucanaã Ferraz brinda as crianças com uma excelente obra, cheia de humor, demonstrando que os humanos são parecidos com os macacos e com os passarinhos. As brincadeiras feitas pelo macaco, o palhaço e o passarinho encantam o público-alvo, tornando o livro um objeto prazeroso.

As ilustrações com traços fortes do Jaguar e com um projeto gráfico bem elaborado reúnem todos os requisitos para a obra merecer o prêmio de O Melhor Livro para Criança. (Rosa Maria Ferreira Lima)

O poeta, professor universitário e ensaísta Eucanaã Ferraz (1961) alcança um resultado dos mais estimulantes nesse álbum (ou livro-ilustrado), que recusa a compartimentalização em gêneros ou subgêneros. O texto verbal destaca-se por sua concisão e ritmo, próprios da poesia, ao dar corpo a uma estrutura narrativa marcada pelo paralelismo, que aproxima de modo sistemático os três personagens-chave da obra – palhaço, macaco e passarinho. Tensões, paradoxos e



nonsense emergem da prosa poética de Ferraz, provocando a inteligência e a imaginação do leitor, com o auxílio significativo de ilustrações vazadas no traço bem-humorado, irreverente e corrosivo do cartunista Jaguar (1932). (João Luis Ceccantini)

Os versos de Eucanaã com as ilustrações de Jaguar constroem um circo mágico muito divertido. O autor cria uma espécie de jogo no qual em cada página as palavras são trocadas, com novos sentidos, novo ritmo. As brincadeiras do texto estimulam a capacidade de observação e imaginação da criança.

Texto e ilustrações entrosadas, impressão a quatro cores. (Celina Rondon)

Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa – O Melhor Livro para o Jovem

Mururu no Amazonas

Flávia Lins e Silva. Il. Maria Inês Marins e Silvia Negreiros. Manati

Mururu no Amazonas apresenta vários motivos para que sua leitura seja vivamente recomendada. É uma história sobre o Brasil e suas especificidades tão instigantes, contada com uma linguagem poética que envolve e acaricia pelos recursos linguísticos expressivos utilizados, com um vocabulário saboroso típico da região, mas que não torna hermético o texto, pelo contrário, dá-lhe sabor, passando ao leitor impressões sensoriais

que o seduzem. A poesia que perpassa a prosa conta a história de uma menina-moça, no limiar de descobertas e experiências pessoais, que serão o portal para uma nova etapa de sua vida. Flávia Lins e Silva narra com muita sensibilidade os fatos que a conduzem às mudanças, colocando a região Amazônica como pano de fundo e o elemento “água” como catalisador das transformações que envolvem a descoberta do amor, com prisão e liberdade embutidas. É um belo livro que prende a atenção pela vertiginosa viagem nas águas da região Amazônica no casquinho Mururu,



impulsionada pela linguagem que se serve de termos e expressões caracterizadoras do espaço em que se movem os personagens. Ainda nos são apresentados aspectos de uma região distante fisicamente, que se torna próxima pelas palavras. **(Maria Teresa Gonçalves Pereira)**

Mururu no Amazonas destina-se ao público juvenil e foi selecionado para integrar o catálogo White Ravens (2011) da biblioteca infanto-juvenil de Munique. Esse fato já garante o valor literário do livro.

Toda a ação se passa no rio Amazonas e nos seus afluentes. O leitor acompanha a trajetória de Dorinha, uma “menina-moça, menina-amazona, mulher-pássaro” e seu encontro com Piú, um cabodo amazonense tão amante da natureza quanto sua companhia. Juntos, eles descobrem a desova do “tracajá”, tartaruga que habita os rios amazenses; as sumaúmas, árvore de porte gigantesco. Há uma bonita passagem do livro, reveladora da descoberta do amor, que merece registro: “Deitado comigo, Piú se faz homem, cada vez mais homem, e eu já não sou quem era: sou mulher inaugurada”. (p. 55)

Se Thiago de Mello cantou as belezas do Amazonas em seus belos poemas, Flávia Lins

e Silva escolheu a prosa poética para revelar seu encanto pelo rio Amazonas. **(Neide Medeiros Santos)**

Flávia Lins e Silva é jornalista, roteirista de televisão e de cinema e escritora, com mais de dez livros já publicados para crianças e jovens. Muitos leitores e leitoras, com certeza, já conhecem Pilar e suas aventuras, sejam no Egito ou na Grécia.

Há nas águas de *Mururu no Amazonas* borbulhas do poeta pantaneiro Manoel de Barros, que em Arranjos para assobios versa:

“A gente é cria de frases

Escrever é cheio de cascas e pérolas.”

É com cascas e pérolas que Flávia Lins e Silva tece a narrativa de *Mururu no Amazonas*. É a voz da menina-moça Andorinha (ou Dorinha como a chamam na escola) explicitando seu entendimento com as águas da Amazônia, onde passa seus dias.

“Não me fio na terra. Meu entendimento é com a água.”

E assim, Andorinha sai em seu casquinho Mururu pela insidência das águas da Amazônia. Quer encontrar seu pai e também tracajás para o aniversário da mãe. Vai pelo mundo feito de

águas no seu barco de uma só pessoa. Sente medos e fomes. Vai por igapós, rios e corredeiras até encontrar o cabodo Piú: um menino homem com gosto de fruta e cheiro de terra. No encontro das águas cristalinas e barrentas, ela deseja ser chamada de cunhá. E Dorinha se torna mulher.

Flávia Lins e Silva traz ao leitor de *Mururu no Amazonas* uma prosa poética que flui no ritmo das águas, no tempo das águas... Às vezes mansas; às vezes como corredeiras, mas sempre límpida. Toda a transformação de Dorinha vem narrada mansa, delicada e tensamente. A autora não fecha o conto, como não se fecham as águas, os ventos e o tempo. **(Marisa Borba)**

Mururu no Amazonas é um livro lindo, dos mais belos que li nos últimos tempos. Seu texto denso, mas fluido como o rio navegado por Dorinha e Mururu, nos provoca e convida a experimentar as imagens e sons literários oferecidos pela narrativa. Uma narrativa amorosa, que cresce e ganha corpo – e calor e dor e liberdade –, como parece acontecer a sua autora, Flávia Lins e Silva que, com esse livro, se inaugura e se reinventa em macia e libertária literatura. **(Fabiola Faria)**

Prêmio FNLIJ Luís Jardim – O Melhor Livro de Imagem - Hors-Concours

Selvagem

Roger Mello. Global

Roger Mello mostra mais uma vez a sua criatividade, valendo-se de um tipo de narrativa que valoriza não apenas o elemento visual, mas também as possibilidades do livro enquanto materialidade, já que o mero virar das páginas favorece o desenvolvimento da ação. **(Regina Zilberman)**

Em sequência de imagens que jogam com as cores preta, branca e laranja, o autor cria uma narrativa que critica a caça dos animais selvagens. No final, os papéis são invertidos, o que leva o leitor a conduzir que o homem é o ser verdadeiramente selvagem. De propósito, o texto não traz um chamamento na quarta capa, que usualmente facilita a leitura. Esse é mais um desafio para o leitor. A edição em capa dura, ilustrações coloridas de animais no início e no fim, valoriza a mensagem a ser descoberta pelo leitor através do jogo de imagens. **(Vera Aguiar)**

Selvagem, de Roger Mello, é um livro de imagem para todas as idades. O título, constituído pela duplicidade linguística, a linguagem verbal e uma pequena vinheta também presente no miolo da obra, apresenta-se na capa dura, cor laranja, com caracteres pretos, assim como a figura do tigre em movimento, de costas para o leitor. Tanto a capa como a contracapa interna e as primeiras páginas de guarda têm belos “retratos” de animais da Indonésia, troféus de caçadores, de beleza exótica, em estreita sintonia com o conjunto da obra. Nas páginas seguintes, como a preparar o espírito dos leitores para a dificuldade do trajeto para a liberdade, folhas negras antecipam imagens sem cor, em contraste com a cor laranja das páginas internas que trazem o título. O conjunto de elementos plásticos, imagens esfumaçadas em preto, cinza e branco, enquadra duas figuras narrativas fundamentais, o caçador e o caçado, o homem e o tigre; papéis que se invertem quando o homem assume o lugar do animal no porta-retratos. O conjunto dos elementos narrativos – ambientação, perspectiva,



personagens e linguagem (traços, cores, forma, luz, enquadramento) – possibilitam aos leitores o reconhecimento de suas experiências no mundo narrado. **(Alice Áurea Martha)**

Na arte, homem e animal podem ser representados e apresentados ao público de modo distinto da vida real. Assim faz Roger Mello nesse livro de narrativa visual, que discute um interessante ponto de vista entre selvagem e civilizado. Por serem inúmeras as reflexões que ele suscita, dispensa qualquer indicação por faixa etária. **(Sueli de Souza Cagneti)**

Prêmio FNLIJ Luís Jardim – O Melhor Livro de Imagem

Telefone sem fio.

Ilan Brenman e Renato Moriconi. Companhia das Letrinhas

O livro retrata a brincadeira do telefone sem fio. Um personagem inicia a conversa falando ao ouvido de outro personagem, que repassa o que ouviu para outro personagem e assim sucessivamente até o final do livro. A sequência é interessante e criativa, proporcionando

ao leitor inúmeras possibilidades de inferência. Uma surpresa acontece quando se alcança a página central: há o desaparecimento de um dos personagens. O leitor desatento pode não perceber de imediato, porém o fará conforme for virando as páginas seguintes. As ilustrações são extremamente ricas em detalhes, além de enormes e coloridas. Juntas ao projeto gráfico caprichado, elas merecem ser vistas por crianças e adultos leitores. **(Gláucia Maria Mollo)**



Representados por meio de ilustrações, personagens de histórias infantis (Chapeuzinho Vermelho, lobo, caçador), piratas e cavaleiros medievais passeiam pelas páginas desse livro em formato grande. As mãos ao pé do ouvido simulam uma conversa por telefone sem fio, brincadeira de criança do tempo passado. Houve o aproveitamento de pinturas de pintores famosos, mas com um toque de jocosidade. (Neide Medeiros Santos)

A indicação do livro *Telefone sem fio* se dá pela diferença do seu padrão de imagem frente aos outros que estão no mercado. As cores são fortes e as imagens têm profundidade. A sequência dessas imagens se torna inusitada ao colocar em contato personagens de contextos variados.

Do ponto de vista histórico, havia o hábito de passar informações valiosas ao rei ao pé do ouvido para que o segredo não fosse descoberto pelo inimigo. Fato que, segundo alguns historiadores, fez com que não houvesse registros escritos sobre descobertas de continentes por outras nações. No referido livro, o autor parece fazer alusão a esse fato ao propor uma brincadeira do telefone sem fio, iniciada pelo bobo da corte passando uma informação ao rei. A pergunta é: o que será que eles estão cochichando? Já que o repasse de mensagens termina com um cão muito satisfeito com o que lhe chegou ao ouvido. Enfim, a proposta de imagens do referido livro pode aguçar bastante a imaginação de seu leitor. (Gpell – Ceale)

Um livro de imagens pensado a partir de uma reunião de crianças e adultos numa mesa

de restaurante à beira-mar, segundo o autor. O tamanho desse livro chama a atenção; na bela capa colorida, um pirata acena. Ao folhear as páginas, plasticamente produzidas, saltam personagens do imaginário infantil. Reis, arlequins, piratas, escafandristas, a vovozinha do Chapeuzinho Vermelho, o lobo, a menininha etc. Todos passam informações através de um cochicho, e com ele produzem apreensão, alegria, estranheza e tudo o mais que possa divertir e provocar a curiosidade. Cada imagem provoca uma sequência de situações que juntam a beleza plástica com novas leituras que o texto pode emitir. Essas leituras só o leitor pode construir. A impressão das imagens em *offset* sobre o papel deixa mais forte o colorido e consistentes as páginas, como se folhéassemos um belo álbum de personagens da história infantil. (Iraídes Coelho)

Prêmio FNLJ Monteiro Lobato – Tradução/Adaptação A Melhor Tradução/Adaptação Criança

É um livro.

Lane Smith. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. Companhia das Letrinhas

Obra de Lane Smith constitui uma divertida defesa do livro, lidando de modo criativo com duas formas de identificação material do mundo da leitura – o propiciado pelo objeto livro e o decorrente das ferramentas da informática. (Regina Zilberman)

Desde a invenção de Gutemberg até os dias de hoje, as variações em torno do livro não modificaram a sua função. E lá se vão quinhentos anos. O Objeto livro encontra e vence seus desafios “e não vemos como, para

o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Ele pode modificar: talvez as páginas não sejam mais de papel”. Esse livro infantil aborda o assunto de forma lúdica e prazerosa. Encanta crianças e adultos. (Maria Neila Geaquinto)

A proposta de apresentar a um burrinho o objeto “livro” em contraponto ao computador é de uma originalidade surpreendente. A linguagem e a ilustração são extremamente simples, expressivas e integradas. (Isabel Maria Vieira)

A temática é muito interessante nesses tempos da era digital, comparando as funções do computador com as possibilidades do livro. O burro pergunta se o livro desce a sua



página é tipo um blog, se tem mouse, se emite som etc. É interessante quando o burro pega o livro porque é como se o leitor também o pegasse, pois a página que segue é a da história que o personagem estava lendo. As ilustrações são uma graça. (Tânia Piacentini)

A Melhor Tradução/Adaptação Informativo

Brevíssima história de quase tudo.

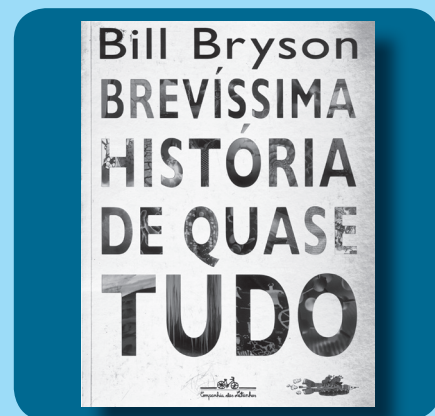
Bill Bryson. Trad. Hildegard Feist. Il. Yuliya Somina e Martin Sanders. Companhia das Letrinhas.

À moda do almanaque, esse livro certamente satisfaz a curiosidade infanto-juvenil. (Regina Zilberman)

Brevíssima história de quase tudo é daqueles livros que se lê “de uma tacada só”, não importando muito se os assuntos tratados são todos do nosso interesse. O texto é tão bem elaborado e as informações tão bem selecionadas que o leitor as devora com gosto e vontade de “quero mais”. Abrange várias áreas do saber e responde a muitas dúvidas que um dia tivemos e deixamos passar. No prefácio, o autor conta que o livro é uma versão reduzida de outro maior e mais completo e, dentre o que escreve, pontua como é importante observar as coisas por dentro, esclarecendo que tudo o que existe é surpreendente visto por esse aspecto. Convida, pela leitura do livro, a descobrir as

novidades que procurou durante a vida. As engenhosas ilustrações ajudam a acompanhar os conteúdos apresentados, permitindo que o leitor aprenda ludicamente, enriquecendo-se com uma “história do conhecimento” peculiar. (Maria Teresa Gonçalves Pereira)

O livro *Brevíssima história de quase tudo* é uma adaptação para crianças e jovens do livro para adultos *Breve história de quase tudo*. O livro é escrito em linguagem coloquial, com bastante bom humor, e nos apresenta conceitos generalizados sobre quase tudo que há e que acontece no planeta Terra. O texto informa desde o surgimento da vida até o que nós humanos estamos fazendo para exterminar o nosso planeta. Porém, o texto não é didático, pelo contrário, brinca com coisas sérias e, portanto, faz com que as informações sejam lidas e absorvidas pelo leitor de forma simples e eficiente. O texto difere de tantos outros que se destinam a informar sobre esse assunto e que nem sempre obtêm sucesso. As ilustrações também possuem graça e humor, a capa é extremamente sedutora, muito caprichada,



e o projeto gráfico agrada. (Gláucia Maria Mollo)

Brevíssima, somente porque o autor informa que o livro é uma versão reduzida de outro maior e mais completo. São tantas as informações que abrangem as mais variadas áreas do conhecimento que, certamente, atingirá os mais diferentes leitores. Com informações bem selecionadas e ilustrações criativas, *A Brevíssima história de quase tudo* permite que os leitores aprendam os conteúdos apresentados de forma lúdica e prazerosa. (Vera Varela)

A Melhor Tradução/Adaptação Informativo

A vida secreta das árvores

Bhajju Shyam, Durga Bai e Ram Singh Urveti. Trad. Mônica Stahel. WMF Martins Fontes.

O belíssimo livro *A vida secreta das árvores* leva-nos a ter contato com um universo cultural, simbólico, mítico e artístico muito rico e pouco conhecido por nós ocidentais. Os três autores do texto verbal, que também assinam as ilustrações, são da tribo gonde, da Índia Central. O livro nos informa, em suas páginas finais, que essa tribo é muito dedicada às artes visuais e que, como grande parte dos gondes morava na floresta, as árvores estão muito presentes em seu imaginário, fomentando narrativas e crenças.

Símbolo da vida em perpétua evolução e em ascensão para o céu, a árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, a superfície e as alturas, como nos ensinam Chevalier e Gheerbrant que afirmam: “Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso tem o sentido de centro.” (1994, p. 84).

(Proale)

Mais que um livro informativo sobre árvores, *A vida secreta das árvores* trata da visão de mundo do povo gonde, tribo da Índia Central, extremamente ligado às artes visuais, que podem ser apreciadas em pinturas nas paredes e no piso de suas moradias. A crença de que árvores são seres sagrados que adquirem vida à noite

materializa-se em belíssimas imagens de serigrafia sobre papel preto, cada qual com sua história. Ilustrações magistrais, com linhas e padrões diferenciados, cores fortes, revelam as árvores como centro do universo, responsáveis pela vida do homem: à luz do dia, dão abrigo e alimento para o corpo; à noite, emanam luz e sabedoria, pão para o espírito. (Alice Áurea Martha)

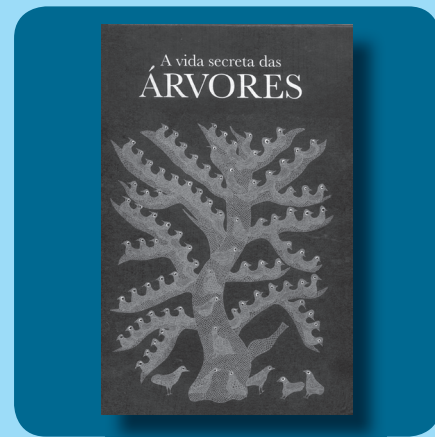
Esse é um livro de arte e folclore da tribo gonde, da Índia Central. Os gondes acreditam que as árvores são o centro da vida, por serem tradicionalmente habitantes da floresta e acreditarem que durante o dia, as árvores se empenham em oferecer sombra, abrigo e alimento para todos e à noite, depois que todos os visitantes diurnos se vão, os espíritos das árvores se revelam. Os desenhos primorosos de árvores que povoam as páginas desse foram feitos a partir de reproduções em *silkscreen*, feitas artesanalmente sobre papel preto, de gravuras originais numeradas de Ram Singh Urveti, Bhajju Shyam e Durga Bai, três dos principais artistas vivos da tradição gonde. (Maria das

Grças M. Castro)

Uma Estética Singular.

Os gondes são um povo que vive em Madhya Pradesh, na Índia Central. Para eles a arte é uma forma de prece e acreditam que a fortuna cabe àqueles cujos olhos encontram uma boa imagem.

A cultura indiana é assim: surpreendente, surreal. Para os gondes não há representações em perspectiva, realismo, luz, ou tridimensionalidade; entretanto, seus artistas dizem tudo e transmitem



o universo místico da natureza com criatividade própria de rara beleza.

No livro, três pintores retratam árvores e arbustos do seu entorno, em formas retorcidas e simbologias de animais ilustrando curtas narrativas híndi. Uma delas conta um mito de origem: “(...) Quanto Shankar Bhagwan, o criador, fez o primeiro homem, não havia árvores nem folhas na terra. O homem disse: Senhor, o que vou comer? Como Viverei? O criador puxou três fios de seu próprio cabelo e com ele fez três árvores.”

Sem Adão ou Eva, há o encantamento do mito da criação. São as árvores de outro paraíso perdido, estranho a nossa tradição, com representações semelhantes e as mesmas inquietações humanas.

As ilustrações, em perfeita harmonia com as narrativas poéticas emocionam pela imersão em um mundo diferente do nosso e, ao mesmo, tempo tão igual pelo misticismo presente na representação gráfica. Uma belíssima e original publicação de valor estético inestimável. (Isis Valéria)

A Melhor Tradução/Adaptação Jovem

A janela de esquina do meu primo.

E.T.A.Hoffmann. Trad. Maria Aparecida Barbosa. Il. Daniel Bueno. Cosac Naify.

Hoffmann escrevia histórias fantásticas e, além de escritor, era músico. O conto de Hoffmann acontece na cidade de Berlim, na principal praça num dia de feira semanal. A única abertura para o mundo é a janela de onde ele observa toda a praça. Com a visita do primo, os dois descrevem os tipos que frequentam a feira, da simples observação passam para a reflexão, recriando personagens e suas histórias. A partir do olhar, ou melhor, da arte de enxergar podemos criar situações para cada frequentador da feira.

A ilustração de Daniel Bueno retrata os personagens e a arquitetura da principal praça de Berlim a partir de imagens da época, utiliza a técnica da colagem e reproduz figurinos e elementos do século XIX. A ilustração é fragmentada nas margens das páginas como uma janela que se abre e, nas páginas 54/55, no final do conto temos a visão da praça com seus prédios e o colorido de seus frequentadores.

A edição é enriquecida com um posfácio

de Marcus Mazzari. Situa o conto em Berlim com fotos e gravuras de época, caricaturas de personagens desenhadas pelo autor, chama a atenção para a importância do olho íntimo, do olho que realmente enxerga. Produção gráfica, diagramação e capa são um convite para ler *A janela de esquina do meu primo*. (Celina Rondon)

Ernest Theodor Amadeus Hoffmann é o nome completo do escritor de histórias fantasmagóricas e de estranhamento, conhecido no mundo das letras por Hoffmann.

A história gira em torno de um escritor que ficou paraplégico e da janela do seu quarto, que se situa defronte ao mercado dos Gendarmes, praça do centro de Berlim, ele se contenta em observar o que se passa na praça e observa tudo que a vista alcança.

Dois personagens têm atuação marcante: o escritor paraplégico e um primo que sempre o visita e funciona como um eu-narrador. Se a paralisia impede que continue escrevendo histórias, agora só lhe resta observar o que se passa na praça e transmitir essas impressões ao primo visitante.

Um destaque especial para as ilustrações de Daniel Bueno que retratou cenas entrecortadas



como se fossem vistas de uma abertura de janela. (Neide Medeiros Santos)

Uma janela, uma luneta, um olhar e tantas histórias. Assim pode ser definido, grosso modo, o livro do escritor alemão E.T.A. Hoffmann, *A janela de esquina do meu primo*, vertido para a língua portuguesa na tradução de Maria Aparecida Barbosa. Um livro que representa e apresenta com sensibilidade os deslocamentos do olhar. Pessoas de uma feira que se transformam em personagens e revelam, a cada movimento, passo ou gesto, histórias aparentemente escondidas, porém, resgatadas pelo olhar atento daquele que observa de uma janela de esquina. O livro é lindo! E nos remete à tradição baudelaireana do *flâneur*; do homem na

multidão, da cidade começando a se constituir. Uma excelente contribuição à história da cultura das civilizações. (Tânia Piacentini)

Obra, publicada em 1820, é uma narrativa autobiográfica, diferente da produção anterior do autor. De certo modo, prenuncia o Realismo, inaugurado 10 anos depois, por Stendal e Balzac na França, que penetrou no Brasil através dos românticos e de Machado de Assis.

O primo convalescente, que da janela do seu quarto, analisa os tipos que circulam no mercado da praça e cria para eles uma história de vida, tem no primo visitante, seu interlocutor. Dois olhares: o do arguto observador que compara tipos aos personagens retratados por artistas famosos e o olho real do visitante.

As referências de pé de página contextualizam a época, orientam e ampliam o universo

cultural do leitor. A filosofia corre paralela nos comentários das cenas narradas. As ilustrações, à direita da página, são recortes das cenas maiores em página dupla; como uma lente que recorta detalhes e amplia o foco. O estudo sobre o autor, publicado no final, complementa e elucida a sua importância para a literatura universal. O projeto gráfico cuidadoso, a capa dura e a diagramação dão suporte à obra. (Rosa Cuba Riche)

A Melhor Tradução/Adaptação Jovem

7 contos crus: embora este não seja um bom lugar para nascer

Ricardo Gómez. Trad. Paloma Vidal. Il. Juan Ramón Alonso. Edições SM.

O fio condutor do livro é a cruzeza, a barbárie. A obra traz à luz temáticas que por mais antigas que sejam ainda nos assolam na contemporaneidade: a guerra, a opressão, a morte. Por isso o recado é tão importante.

O autor, muito apropriadamente, escolhe o conto – um gênero curto, forte – para apresentar sua indignação em relação à mediocridade humana. Faz uma opção clara pelos contrastes: o instinto e a ternura, a infância e a guerra, o sonho e o consumismo, a honestidade e a corrupção. Nem o tom levemente didático, vazado em alguns momentos, nem a ausência de um trabalho mais apurado com a linguagem conseguem obscurecer a força do livro. *7 Contos Crus* consegue ser uma bofetada bem dada, o nocaute como diria Cortázar, no estômago daqueles que ainda precisam compreender que não basta nascer humano, que humanizar-se é uma tarefa sem fim e que a literatura pode ser uma boa estratégia para isso. (Isabel Maria Vieira)

Um Mundo em Guerra.

Aonde será um bom lugar para nascer? Certamente não é o espaço e o tempo escolhidos para a narrativa desses *7 Contos Crus*. A eles falta a harmonia do tempero que dão sabor a vida. O Cachorro de Goya em Beirute, O Carteiro de Bagdá, ou Mãe Compra Um Jacaré que é a narrativa de uma urbe onde o consumo de coisas inúteis faz dela um campo minado para viver: “(...) As ações de Jacarelosa começaram a subir que nem espuma, o que permitiu a empresa anunciar na televisão. Compre um jacaré parcelado e durma sossegado. Ponha um jacaré em sua vida e ela será mais divertida.” Há situações reais, criadas pelas ações ilógicas do poder temporal do homem que despedaçam pessoas, criam o terror, e submetem pacatos cidadãos a uma vida miserável, por problemas artificialmente criados.

Como no Carteiro de Bagdá...

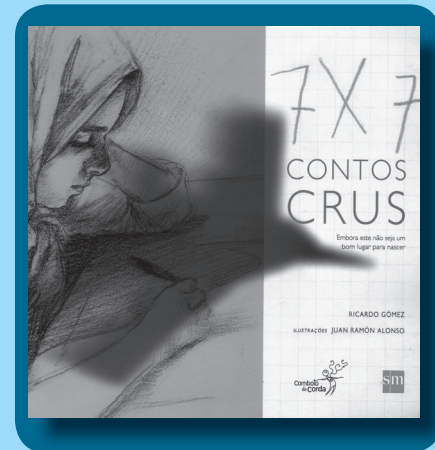
“(...) Seu novo distrito, o 27, era um bairro afastado de Bagdá, onde nenhum outro carteiro queria trabalhar. Era considerado perigoso, mas Hassan temia mais as imediações do Cinturão Verde do centro da cidade. Podia chegar com a motocicleta atravessando o campo, mas corria o risco de ser baleado por um francoatirador escondido em algum lugar invisível.” Os contos são crus, poéticos, comoventes, falam de diferentes lugares e angústias iguais dos personagens em meio à intensidade de suas vidas às vezes pontuadas de pequenas alegrias e muita esperança.

O livro faz parte da coleção *Comboio de Corda* da Editora SM que veio para nos lembrar às adversidades e crueldades do mundo. Colocar um pouco de solidariedade e conscientização na formação do leitor jovem e um olhar, mais atento, para questões do mundo contemporâneo. Imerso no horror das guerras que deixam um rastro de sofrimento e destruição. Os autores são espanhóis. O escritor é um leitor voraz, desde menino. Tem um lindo estilo literário, bem preservado na tradução de Paloma Vidal. Já publicou muito.

O ilustrador é senhor de uma arte madura, artista que já ilustrou vários livros infantis e juvenis e recebeu muitos prêmios. O projeto gráfico é ousado. Um livro em formato grande, ilustrado com fotos e desenhos em técnicas, como o lápis e a aquarela. (Isís Valéria)

7 contos crus é um desses livros que, a um só tempo, nos impactam e nos emocionam. Seus temas, atravessados de beleza e dor, transitam entre as pulsões de vida e morte. Passando-se em diferentes épocas e contextos geográficos, culturais e sociais, as histórias têm um ponto em comum: todas apresentam personagens vivendo situações extremas, nas quais o medo, o desespero, o desalento, o aniquilamento se fazem presentes como algo inerente à experiência humana.

Três dos sete contos – *O homem que abriu caminho para o mar*, *Mamãe, compra um jacaré!* e *O fantasma do capitão Cook* – são do gênero fantástico. Os demais apresentam personagens e situações que se conectam mais de perto com o plano do real concreto.



Os contos também apresentam diversificados focos e estratégias narrativas. A variedade de propostas ficcionais e de vozes narrativas que tratam, todas elas, de temas polêmicos faz do livro uma obra singular. Essa singularidade advém, principalmente, da grande força estética do texto literário de Ricardo Gómez, competentemente traduzido por Paloma Vidal, e das expressivas ilustrações de Juan Ramón Alonso, que aliam diferentes técnicas em sua composição, e dialogam com o texto verbal de modo contundente.

Trata-se de um projeto gráfico/editorial muito relevante para o público jovem, que encontrará em suas páginas um profundo painel da cruzeza e complexidade do ser humano, para o qual sempre restará uma esperança. (Proale)

São 7 contos narrados pelos autores Ricardo Gómez e ilustrado por Juan Ramón Alonso, ambos conhecidos e premiados do público infantil espanhol, com tradução de Paloma Vidal, num belo e cuidadoso trabalho editorial da SM Comboio de Corda. São contos contemporâneos simples, mas que levam o jovem leitor à reflexão sobre o valor da vida diante dos acontecimentos violentos do mundo. Vão do clima de tensão e medo que ronda a cidade de Beirute no Líbano, e outras regiões em guerra no Oriente Médio, passando pelas circunstâncias de luta pela sobrevivência que identificam animais como no confronto entre o leão e o homem, e a imposição da violência que circunda as sociedades de consumo da vida moderna. Um livro questionador sobre o significado da vida num mundo de injustiças e barbárie. (Iraídes Coelho)

A Melhor Tradução/Adaptação Reconto

O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes

Recontados por Tanya Robyn Batt. Trad. Waldéa Barcellos. Il. Rachel Griffin. WMF Martins Fontes

Na estrutura do livro, *O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes*, destaca-se a originalidade de cada conto ser antecedido de informações e/ou narrativas reais que fazem um contraponto com as histórias maravilhosas que se seguirão.

A Capa de plumas, um conto do Hawaí é precedido da história dos tecidos das Ilhas do Pacífico.

Ao ler o conto Anaet, a perspicaz (da Armênia), previamente o leitor poderá se informar sobre a tapeçaria do Cáucaso e da Pérsia, as lãs utilizadas, os tapetes feitos com nós persas ou nós turcos.

A história da seda, sua utilização para a confecção do brocado, do damasco, do veludo e do cetim antecede o conto O brocado de seda, originário da China.

Os contos maravilhosos, recolhidos por Tanya Robyn Batt, vêm de lugares distantes como Armênia, Suailí (África Oriental), China, Hawaí, Suécia, Indonésia e sua literatura é ainda pouco traduzida aqui no Brasil.

O Casaco de Retalhos, recolhido da cultura judaica, lida muito bem com a sabedoria popular e também é oferecido ao leitor informações muito interessantes sobre colchas de retalhos, *matelassé* e *patchwork*.

Esses dois tipos de texto encantam, pois unem o comum ao fabuloso e são ambos plenos de literariedade. Enquanto o texto informativo lida com a arte e a criação nos diferentes povos, os contos maravilhosos lidam com conteúdos da sabedoria popular, com condições essenciais da condição humana: o amor, o medo, a

necessidade de vencer obstáculos para satisfazer o desejo de alguém que se ama.

O objeto livro é primoroso: a capa, o papel utilizado, a diagramação, as ilustrações ligando a arte de contar histórias com a arte de se fazer tecidos.

É importante ressaltar que Tanya Robin Batt cita todas as fontes dos contos, assim como a bibliografia consultada, denotando um enorme respeito pelo leitor. **(Marisa Borba)**

São sete contos maravilhosos precedidos de uma exposição, como um pano de fundo, de cada um deles. Ou melhor, Tanya R. Batt apresenta o contexto histórico e geográfico em que cada um foi concebido.

Como a própria autora afirma, narrar a história através dos tecidos é difícil pela fragilidade do pano. Mas Tanya conseguiu reunir, com uma pesquisa minuciosa e ela cita a bibliografia consultada, várias histórias das diferentes culturas e nos proporcionar uma visão encantadora “dos intrincados caminhos que se entrelaçam e formam a trama e a urdidura do tecido da vida”.

A ilustração de Rachel Griffin enriquece o texto com cores e formas delicadas apresentado a criatividade dos povos pesquisados.

Vida longa aos artesãos e aos frágeis tecidos maravilhosos produzidas por verdadeiras mãos de fadas. **(Maria Neila Geaquinto)**

Os contos que compõem o livro, oriundos de lugares distantes, pouco conhecidos pelos pequenos leitores, podem contribuir para ampliar significativamente o reconhecimento da alteridade. Como o título anuncia, as histórias narradas estabelecem estreita ligação com modos de tecer, tais como a tapeçaria do Cáucaso e da Pérsia, representada por uma narrativa da Armênia; os tecidos da África oriental, com um conto suailí, e a seda, lembrada com uma história da China, entre outras de igual valor e beleza. Com projeto gráfico/editorial muito rico e adequado aos jovens leitores, o conjunto de



contos selecionados é ilustrado com imagens de tecidos e tapeçarias, além de alegres e sugestivas cercaduras de páginas. Um texto informativo sobre cada modalidade de tecido antecede as narrativas, em linguagem simples e acessível. **(Alice Áurea Martha)**

A dedicatória da autora me chamou a atenção: “Para meu pai, que me contava histórias, e para minha mãe, que me ensinou a costurar.” Contar histórias e fazer tecidos são atividades ligadas ao ato de tecer. Cada povo tem uma produção têxtil diferente, não só quanto ao material, o algodão, a seda, o brocado, a lã, o linho, o cânhamo, mas sobretudo quanto a criação, o colorido, as padronagens.

O livro é composto de sete capítulos, cada um dedicado a um tecido, e de um conto de origem de determinado povo; assim a história da seda, sua origem chinesa, e uma lenda sobre o brocado de seda. A autora ao recontar “os contos de lugares distantes” nos aproxima desses povos pela apresentação de um tecido, um fazer próprio.

Edição em papel couchê numa linda produção gráfica.

Ilustrações de Rachel Griffin, que além de enquadrar o texto em todas as páginas, propõe outra leitura pela riqueza de detalhes, retalhos de tecidos, contas, selos e pequenos objetos que compõe cada ilustração. **(Celina Rondon)**

Prêmio FNLJ Malba Tahan – O Melhor Livro Informativo

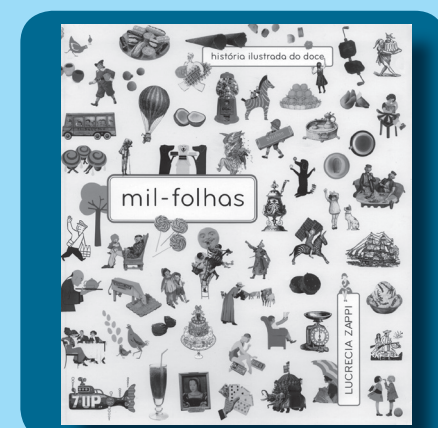
Mil-folhas: história ilustrada do doce.

Lucrecia Zappi. Projeto gráfico de Maria Carolina Sampaio e Paulo André Chagas. Cosac Naify

São “memórias do açúcar”, como bem diz a introdução desse livro instigante e delicioso de Lucrecia Zappi. A sua leitura é uma viagem difícil de seguir adiante, pois em cada página, se manifesta a vontade da releitura. Custa-nos abandonar o que passou, embora haja a expectativa do que virá adiante. O texto, brilhantemente leve, nos conduz por histórias, desvendando mistérios e revelando curiosidades que abrem portas e janelas insuspeitadas à cultura do doce. A autora parece abranger toda a imensa área coberta pelas possibilidades do açúcar, orientando seu olhar para o nacional e

o estrangeiro, articulando as seções e os capítulos com maestria. Informações históricas preciosas são oferecidas, num “caldo” antropológico sob a ótica do doce. O resultado mostra como se pode tratar qualquer tema com resultados compensadores para a inteligência do leitor, que sairá enriquecido – e não só caloricamente – após a leitura. As imagens que compõem o livro: ilustrações, fotografias e pinturas foram selecionadas primorosamente, em harmonia total com o texto, caminhando paralelamente. A capa, com ilustrações minimalistas sobre o doce, acompanha o apuro da publicação. É um livro “sensorial” que ativa o gosto pela vida. **(Maria Teresa Gonçalves Pereira)**

Quem imaginaria tanta história por trás de um simples chiclete? Brigadeiro, alfajor, doces que fazem parte da nossa memória afetiva e açúcar, muito açúcar, se apresentam de um jeito



delicioso (não há palavra mais adequada e óbvia aqui...) no texto descontraído, mas exigente, e arrojadíssimo projeto gráfico de *Mil-folhas: história ilustrada do doce*, de Lucrecia Zappi. Um livro lindo! **(Fabiola Farias)**

Nessa obra, a perspectiva sociocultural e histórica dos doces mistura-se às

curiosidades acerca deles e de seus criadores. A originalidade do tema, do título da obra – *Mil-folhas: história ilustrada do doce* – e da organização dos seus capítulos – *alto-mar, país de açúcar, xocoatl e chictli, os derretidos, sal doce, dos mongóis ao zen, castelos de açúcar* – associada a uma riquíssima pesquisa iconográfica, reunindo fotos, mapas, propagandas, pinturas, xilogravuras etc., tornam a leitura do livro literalmente uma delícia.

O agradável texto informativo, amparado em consistente pesquisa bibliográfica, é acompanhado de textos curtos dos mais diferentes gêneros, como trava-língua, trechos de poemas e de narrativas literárias, pregões, trova, anúncios, lendas, constituindo uma

estrutura hipertextual que torna a leitura ágil e dinâmica, além de muito enriquecedora.

O projeto gráfico primoroso inclui ainda um brinde para o possuidor da obra: um pequeno caderno de receitas a ser montado, destacando-se as folhas sem prejuízo da integridade da publicação.

Se há muito se acreditava que os doces elevavam o espírito de quem os comia, como nos ensina Lucrecia Zappi, podemos dizer, parafraseando-a, que ler sobre “as memórias de açúcar” eleva o espírito de quem o faz. **(Proale)**

A jornalista, tradutora e escritora Lucrecia Zappi (1972) elabora uma empolgante história do doce, em que as informações

chegam ao leitor segundo uma organização muito dinâmica. Para atrair os jovens leitores, são evitadas as cronologias e periodizações lineares da historiografia tradicional, com as informações apresentadas por meio de capítulos temáticos que aglutinam os diferentes tipos de doce, segundo critérios diversos como, por exemplo, “doces típicos brasileiros”, “derretidos (sorvetes & cia)” ou “doces pouco doces”. O projeto gráfico/editorial da obra é primoroso, explorando uma rica pesquisa de imagens de diferentes épocas, tratadas de maneira original e diagramadas de modo muito arejado e criativo. **(João Luis Ceccantini)**

Prêmio FNLJ Odylo Costa, Filho – O Melhor Livro de Poesia

A lua dentro do coco

Sergio Capparelli. Il. Guazzelli. Projeto

Sergio Capparelli nos apresenta um livro instigante, não apenas pela qualidade literária que já o acompanha desde sempre, mas pela articulação entre texto e ilustração que resulta em um trabalho bastante original. “Conta” a história de um macaquinho que queria pegar a lua e os estratagemas de que se utiliza para fazê-lo. A história, em versos, é pontuada por situações engraçadas. Realidade e fantasia convivem harmoniosamente, auxiliadas por pitadas de *nonsense* que tornam a “narrativa” instigante. Capparelli elabora sua criação com elementos da poesia concreta, selecionando-os para potencializar a palavra. São letras em tamanhos diferentes, palavras em várias posições, tipos de letras misturados, maiúsculas inesperadas, enfim, recursos que surpreendem e encantam. Guazzelli valoriza o texto, não só pelas qualidades das ilustrações em si, mas por colocá-las a serviço do texto, em posições e espaços que dão relevo à poesia. Enfim, o livro é para ser lido e apreciado como um conjunto de elementos verbais e não verbais que transforma o ato de ler em genuíno prazer. **(Maria Teresa Gonçalves Pereira)**

O personagem dessa história em versos é um macaquinho que queria pegar a lua. Estou sabendo que esse macaquinho sapeca tirou o sossego do poeta Sérgio Capparelli, até que ele resolvesse publicar essa história inspirada em uma lenda chinesa.

As palavras de Capparelli se misturam aos desenhos e traços finos e detalhistas de Guazzelli, formando uma arte visual perfeita. O resultado é um livro lindo, páginas de cores suaves se alternam com outras totalmente escuras. O movimento dos textos lembra as peripécias do macaquinho. Horas as letras deslizam, escorregam, aumentam de tamanho, ficam juntinhas, depois se separam, formam ondas e seguem buscando... Orientando o leitor nessa busca – *A lua dentro do coco*. Um trabalho criativo, inteligente, delicioso de ver e ler: “Macaquinho achou um coco

E viu que dentro era Oco,

Com sede, a água bebeu,

De doçura, a sede morreu.” **(Maria Tereza**

Bom-Fim Pereira)

A poesia por vezes se aproxima do lúdico, e Capparelli é um craque nisso já sabíamos, mas ao se juntar a Guazzelli, que também tem um traço concreto/*nonsense*, o resultado foi uma obra de excelente qualidade. O texto instigante e as ilustrações colocadas a serviço do texto, onde o verbal e o não verbal são inseparáveis, oferecem



ao leitor um imenso prazer. **(Vera Varella)**

Com engenho e arte, o poeta/artesão da língua, junta palavras, cria imagens inusitadas e joga o jogo do texto poético.

A história do macaquinho que queria pegar a lua, aparentemente simples e banal, cresce e vira poesia na pena do autor, com lances de humor e ironia. Poesia é a arte da seleção e da combinação de palavras que Capparelli domina com maestria e originalidade.

A diagramação segue o ritmo do texto. As ilustrações em páginas inteiras ou duplas, aliadas à seleção de cores, ao jogo de luz e sombra, de forma e fundo, tornam a leitura ainda mais prazerosa. O formato do livro, a capa e o projeto gráfico valorizam o texto e a difícil arte de fazer poesia. **(Rosa Cuba Riche)**

Prêmio FNLJ Glória Pondé – O Melhor Projeto Editorial

Mil-folhas: história ilustrada do doce

Lucrecia Zappi. Projeto gráfico de Maria Carolina Sampaio e Paulo André Chagas. Cosac Naify.

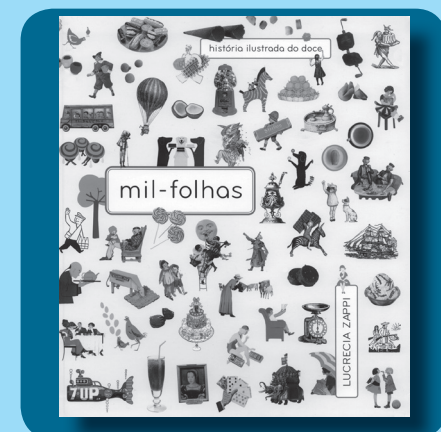
A pesquisa iconográfica, a mistura de fotos, ilustrações antigas que remontam à época da invenção dos doces, mapas, litografias, iluminuras, embalagens antigas, histórias em quadrinhos são alguns recursos utilizados nessa obra que a diferencia das demais. O tipo de papel escolhido, o tom das páginas, o papel celofane colocado antes das capas que lembra as embalagens das caixas de doces e a disposição harmoniosa dos textos chamam a atenção do

leitor. Todo o cuidado com o projeto editorial, do miolo à capa, tornou a obra merecedora do prêmio. **(Rosa Cuba Riche)**

Com uma ilustração memorialística, selecionada com doce prazer, a jornalista Lucrecia Zappi nos delicia com as cores e os sabores da história de doces feitos com “açúcar e com afeto”. E também com mel!

Dentre as viagens que as caravelas portuguesas empreenderam, as de Pedro Álvares Cabral tiveram sorte: nelas havia doce para os viajantes. Imagine, conquistaram a simpatia dos índios com pão, balas e figos em passas.

Lucrecia fala dos chefes e dos inventores, mas não se esquece de “João e Maria” dos irmãos Grimm, do pé de moleque, do pão de ló, do



brigadeiro, do sorvete, do amasaki japonês, da Madeleine vinda da França. Afirmo também que:

“O chocolate é tão santo

que se mói de joelhos
bate-se com as mãos unidas
e toma-se olhando para o céu”

Tudo está docemente ilustrado! (Maria Neila Geaquinto)

Cores e sabores estão presentes nesse bonito livro de Lucrecia Zappi que conta a história do doce no mundo. São 147 ilustrações, compreendendo desenhos, fotografias, xilogravuras, espalhadas de forma harmoniosa

pelas páginas do livro.

A riqueza dos detalhes se evidencia na capa, miniaturas de brinquedos, doces variados, balança, bolos confeitados, tudo que integra o universo do doce. (Neide Medeiros Santos)

Prêmio FNLJ – A Melhor Ilustração – Hors-Concours

Psiquê.

Angela-Lago. Il. Angela-Lago.
Cosac Naify

As ilustrações de *Psiquê* mais sugerem que revelam. O jogo de luzes e sombras proposto pela artista deixa-nos apenas entrever as personagens que integram a narrativa. A “noite” das ilustrações gera uma atmosfera a um só tempo onírica e lúgubre, e essa última característica só irá se desfazer nas duas últimas cenas, inundadas de luminosidade, que celebram o final feliz dessa bela história de amor.

As funções estética, poética e simbólica são as que predominam no texto visual da obra, o que potencializa a apreciação estética do leitor.

(Proale)

Na história de Apuleio, recriada por Angela-Lago, os amantes Eros e Psiquê eram tão bonitos que seria impossível descrevê-los. A ilustradora procurou ser fiel à informação, e os personagens aparecem sempre envolvidos em

sombras, parecem silhuetas.

Cada ilustração exige um olhar atento do leitor. As borboletas povoam as páginas do livro, elas aparecem em forma de asas, nas costas de Eros, entalhadas nos dourados das portas ou em algum cantinho das páginas. De forma discreta, elas se espalham pelas páginas do livro.

Atente-se para este detalhe: o vocábulo “Psiquê” apresenta significados distintos e um deles é borboleta.

Se a história de “Eros e Psiquê” é uma brincadeira de ocultar e revelar, a narradora/ilustradora conseguiu atingir o objetivo. Texto verbal e pictórico brincam de revelar e ocultar, e o leitor tenta adivinhar o que está oculto.

Um olhar deve ser dirigido à capa. A primeira impressão é a de uma noite escura salpicada pelo brilho das estrelas. Impressão que encantou a poetisa Adélia Prado e encanta todos os leitores. (Neide Medeiros Santos)

Como já exposto, o trabalho da autora merece o prêmio, pela qualidade



estética das ilustrações. O jogo de luzes e sombras, que dirigem o olhar do leitor para os conteúdos mais significativos, a mudança de planos, o aproveitamento das cores e a crescente iluminação, que se abre ao final do livro, contam uma história que dialoga com aquela narrada pela linguagem verbal, compondo um todo expressivo extremamente rico. (Vera Aguiar)

Prêmio FNLJ – A Melhor Ilustração

O corvo

Edgar Allan Poe. Il. Manu Maltez. Scipione

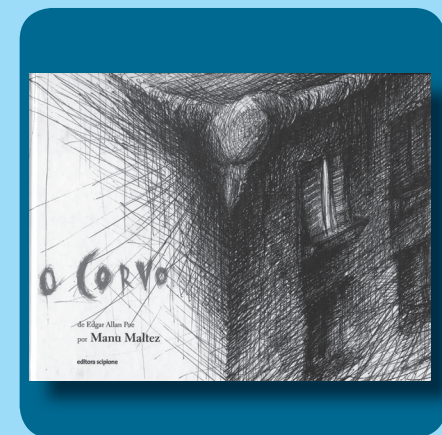
A partir do poema clássico de Edgar Allan Poe, *O corvo*, o artista brasileiro cria uma narrativa composta unicamente por imagens, valorizando o elemento pictórico do animal – sua cor negra. Utilizando o contraste entre o branco da página e o preto do traço, o autor alcança um efeito original, representando ao mesmo tempo o cotidiano conhecido da vida urbana nacional.

(Regina Zilberman)

Trata-se do famoso poema de Edgar Allan Poe, *O corvo*, transcriado imagicamente por Manu Maltez, artista plástico e músico paulistano. As ilustrações aparecem sozinhas, constituindo uma narrativa própria, sem a presença do poema. Uma verdadeira versão livre, atual e abrazeirada, sem palavras, do cultuado

texto. O poema só aparece ao final do volume, em sua versão original, em inglês, e em duas traduções para o português feitas por Fernando Pessoa e Alexei Bueno. O projeto gráfico é primoroso, em formato retangular (28,5 x 21,5), apresentando capa dura e um fino acabamento, em papel couchê 150 g/m². Os desenhos, em preto e branco, transportam a agourenta ave para um cenário urbano, recortado por lembranças, desejos, solidão, reinventando o universo onírico e fantasmagórico do poema original. Um livro de arte, sem dúvida, adequado à sensibilidade contemporânea, inquieta e muitas vezes sombria, mas que também caracteriza uma parcela das angústias juvenis. (Gpell – Ceale)

Manu Maltez é um artista genial, perseverante, seguro, determinado e autônomo. *O corvo* ressurgiu das mãos habilidosas de Maltez, que sabiamente expressa sua reverência à obra-prima de Poe,



imprimindo-lhe a força, a visceralidade e o lirismo do seu traço. As imagens desse livro são expressivas, intensas. Só mesmo um artista com tanto potencial criativo é capaz de uma produção tão grandiosa. O resultado é inusitado, surpreendente e originalíssimo. (Maria Tereza Bom-Fim Pereira)

Prêmio FNLJ Gianni Rodari – O Melhor Livro Brinquedo

Quimonos.

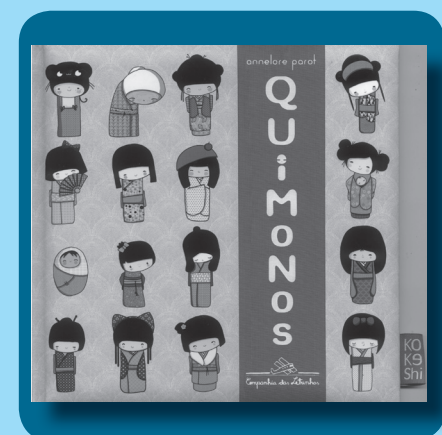
Annelore Parot. Trad. Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

A obra atende a dois objetivos: valoriza a cultura japonesa, sob a ótica do mundo feminino, e introduz o leitor à manipulação do livro na forma de brinquedo como, aliás, é próprio dessa categoria. (Regina Zilberman)

O projeto gráfico e as ilustrações atraem o leitor, levando-o a conhecer aspectos

interessantes da cultura e tradição japonesa. (Isabel Maria Vieira)

Quimonos é um livro brinquedo que tem um diferencial, é praticamente uma vitrine de quimonos, possibilitando que as crianças ao brincarem conheçam essa indumentária tão bela e antiga dessa cultura tão distante. As páginas são duplas, e quando abrimos o livro temos a sensação de adentrarmos em uma exposição ou em um imenso *closet* de uma gueixa. O livro é belo, com ilustrações de cores intensas também



comuns nessa cultura. A capa já convida o leitor para essa viagem lúdica e bela. **(Vera Varela)**

O livro *Quimonos* possui um belíssimo projeto gráfico. Desde a capa com desenhos feitos em um material que parece tecido para confeccionar quimonos. Há uma faixa de

tecido vermelho. E não deixa a desejar quanto ao conteúdo. Um belo e rico brinquedo. A criança vai encontrar diversos jogos/brincadeiras. Em cada página, uma proposta: encontrar as roupas do vestuário da menina, da mãe, do pai da menina. Em cada página uma novidade.

Hora a brincadeira é descobrir os acessórios que combinam com os quimonos, hora é para observar os penteados, descobrir quem está de costas e outras coisas mais. Um breve passeio pelo Japão: um pouco dos costumes das crianças que vivem lá. **(Maria Tereza Bom-Fim Pereira)**

Prêmio FNLIJ Gianni Rodari – O Melhor Livro Brinquedo

Yumi.

Annelore Parot. Trad. Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

A mescla entre duas culturas sempre foi algo curioso e excitante para a maioria das pessoas. O livro *Yumi*, que tem como personagem a famosa boneca Kokeshi, foge da visão imposta que domina o mundo infantil. As ilustrações originais, com uma seletiva escolha de cores, confirmam a criatividade da autora e do ilustrador que agiram como um só na confecção do livro. A obra oferece interatividade ao leitor, onde todos se divertem na arrumação para a festa à fantasia e, assim, o mundo mágico das Kokeshis está em nossas mãos pronto para ser admirado.

Com um projeto editorial bem elaborado, o livro estimula a curiosidade visual para a sua descoberta. Sua beleza encanta o público infantil, tornando-se o melhor brinquedo. **(Rosa Maria Ferreira Lima)**

Começando com *Konnichiwa* (oi, meu nome é yumi) e terminando com *Oyasuminasai* (Boa noite, Yumi) dentro de um envelope origami, está kokeshi, a bonequinha

de madeira, apresenta a cultura japonesa em um livro cheio de belos atrativos e, especialmente, lúdico. Cada página é uma descoberta, um agradável passeio por um país distante e tão diferente, mas conduzido por uma pedagogia que privilegia a estética através de desenhos, recortes, imagens ricamente coloridas e seleção criteriosa de conteúdo cultural, que despertam a curiosidade e o encanto de crianças, jovens e adultos

Trata-se de um livro-brinquedo, onde forma e conteúdo estão harmoniosamente dispostos e cativam da primeira à última página, deixando um gostinho de “quero mais”, possibilitado pela Companhia das Letrinhas, que editou da mesma autora o livro *Quimonos*, também conduzido pela Kokeshi Yumi.

É possível aprender e se deliciar com palavras japonesas, também em kandji e hiraganá, por meio de interações divertidas e de uma riqueza editorial que consegue unir a tradição da cultura japonesa com o que há de mais contemporâneo e criativo no campo do design gráfico/editorial. **(Tânia Piacentini)**

O livro apresenta de forma lúdica o universo japonês, levando a criança



a interagir com o mesmo, na medida em que é levada pela personagem a conhecer brinquedos, roupas, alimentos, árvores, fantasias, enfim, aspectos específicos da cultura nipônica. Ao mesmo tempo em que o leitor monta suas personagens e brinca com elas, fazendo escolhas, a história evolui, levando-o a conhecer novos modos de viver e conviver. Pela proposta lúdica da narrativa, em que a personagem dirige-se sempre ao leitor, e pela qualidade das ilustrações e do projeto gráfico, o livro oferece à criança uma rica experiência estética e existencial. **(Vera Aguiar)**

Prêmio FNLIJ Lucia Benedetti – O Melhor Livro de Teatro

Teatro infantil completo

Maria Clara Machado. Org. Luiz Raul Machado. Nova Aguilar.

A Criança levada a sério. Maria Clara Machado é um nome definitivo na dramaturgia para crianças no Brasil. Pioneira, sua vida e obra é um marco divisório. Há o teatro infantil antes e depois do Tablado criado por ela. Neste país novidadeiro, ele continua lá oferecendo o melhor. O bairro mudou, já não tem a favela da Praia do Pinto e os trabalhadores no Patronato Operário da Gávea, mas o Teatro permanece seguindo as suas ideias (trecho da sua entrevista, em 1976): “O Tablado foi fundado em 1951, no Patronato da Gávea. Eu vinha de um trabalho de bandeirante lá no Patronato e depois passei a trabalhar como assistente social, pois ali ficava a Favela do Pinto, onde moravam operários das muitas fábricas de tecido que havia no Jardim Botânico. A diretora do Patronato, Dona Helena Baiano, achou que eu era muito saliente, que era muito pouco enfermeira e muito mais ‘teatreira’. Ela pediu que eu fizesse qualquer coisa em termos de diversão para os meninos”. Grande Dona Helena!

Logo em seguida, foi ela que construiu o auditório que viraria o Teatro do Tablado. Foi

ali que surgiu uma das maiores escolas de teatro amador do país – e a palavra amador aqui não tem nenhum sentido depreciativo, muito pelo contrário.

Faltava uma publicação que reunisse a sua produção como autora, diretora e atriz. A Editora Nova Aguilar reuniu tudo em um único volume sob a organização do escritor e editor Luiz Raul Machado. O resultado é magnífico.

Temos vários capítulos, todos muito abrangentes: A Cronologia da Vida e da Obra. O Teatro por Maria Clara Machado. A Fortuna Crítica. O Teatro Infantil completo (todas as peças de sua autoria reunidas). Somente Maria Clara Machado, por Maria Clara Machado já seria uma publicação especialíssima por tudo que reúne. Eu e o Teatro, O Encontro, Maria Clara Machado, na primeira pessoa, Feche o livro e abra os olhos, O valor da improvisação, A arte dirigida às crianças: um problema, Pequenos crimes contra o teatro. Tantas verdades, tanta sabedoria. *A fortuna crítica* tem nomes como Carlos Drummond de Andrade, escrevendo uma resenha sobre Tribobó City, em 1987, citado aqui apenas para lembrar os bons.

O livro é leitura obrigatória para leigos ou iniciados, profissionais ou amadores do teatro. A obra é completa. Um presente para a nossa



sensibilidade. Há fotos históricas e também lindas ilustrações do mestre Rui de Oliveira. Uma lição de vida de quem deixou um trabalho maravilhoso para as crianças, através de suas peças e o exemplo de tenacidade da mestra na arte de viver e produzir coisas boas. **(Isís Valéria)**

A obra compreende uma pequena biografia de Maria Clara Machado, alguns depoimentos da autora, críticas escritas sobre ela em jornais por grandes escritores brasileiros, fotos, bibliografia e vinte e quatro peças de teatro de sua autoria. O livro editado pela Editora Nova Aguilar em papel bíblia tem 1.149 páginas e é um material importante por abranger em um único volume a história e o trabalho dessa escritora que

tanto contribuiu para o crescimento do teatro brasileiro. **(Gláucia Maria Mollo)**

Se por um lado somos brindados com péssimos exemplos de peças de teatro infantil, de outro somos presenteados por artistas – autores, atores, diretores – que têm um verdadeiro amor e respeito pelas crianças e pelo teatro. E um desses grandes artistas é, com toda justiça quando se fala em teatro infantil, Maria Clara Machado. Como nenhuma outra, Maria Clara Machado e o seu teatro são até hoje referência de cultura, arte e entretenimento para gerações de pais e filhos, desde meados da década de 50.

Maria Clara Machado, com seus textos e com o Tablado – seu grupo de atores e laboratório para o seu teatro – inundou com magia e encantamento o público e influenciou profundamente a carreira de inúmeros atores que até hoje – a maioria deles já em sua fase artística mais madura – não conseguem esquecer a importância dessa grande mulher de teatro em suas formações artística e pessoal.

Esse livro, cuidadosa e lindamente editado pela Editora Nova Aguilar, tem uma organização

primorosa feita por Luiz Raul Machado. É uma ótima oportunidade para conhecer a obra da mais importante escritora, autora, professora e diretora teatral que criou, em mais de cinquenta anos de carreira, um universo mágico que tem o teatro como guia e as crianças como um diamante a ser lapidado com respeito, amor e arte. **(Tânia Piacentini)**

O livro lançado em 2010 pela Editora Nova Aguilar – *Teatro infantil completo* – é o melhor presente que se poderia imaginar para comemorar os noventa anos que completaria este ano nossa grande figura da dramaturgia brasileira.

Organizado com atenção impecável e afetuosa por Luiz Raul Machado, reúne em ordem cronológica 24 peças já publicadas pela editora Agir entre 1970 e 1986, acrescenta “A coruja Sofia”, editada separadamente e ainda quatro peças inéditas em livro.

A presente edição se distingue pelo fato de que, pela primeira vez, um autor de obra destinada a crianças, também apreciada por adultos, alcança este privilégio: a publicação de todas as suas peças e ainda preciosas informações sobre datas das estreias,

nomes dos diretores, dos autores, de cenários e figurinos, atores, músicos e as partituras das canções, tudo em um único livro de esmerada produção gráfica.

Além disso, o organizador acrescentou um ensaio sobre a vida da autora, diversas entrevistas dadas por ela própria sobre a criação e a vida do teatro amador “O Tablado”, que completa também em 2011 sessenta anos de sucesso. E naquele pequeno palco montaram-se tantas obras importantes da dramaturgia internacional, todas as peças de Maria Clara por ela dirigidas, e ainda se formaram atores e diretores que brilharam e brilham em nossos palcos e emissoras de televisão, tornando-se uma verdadeira escola de teatro.

Para completar, uma seleção de críticas feitas por intelectuais de renome e críticos atuantes na imprensa carioca, preciosa iconografia e a bibliografia completa da autora.

Uma obra importante que relembra o belo caminho que Maria Clara Machado percorreu durante toda a sua vida e a enorme influência que exerceu sobre os rumos do teatro brasileiro. **(Laura Sandroni)**

Prêmio FNLJ Cecília Meireles – O Melhor Livro Teórico

Crítica, teoria e literatura infantil

Peter Hunt. Trad. Cid Knipel. Cosac Naify.

A publicação de *Crítica, teoria e literatura infantil* é um marco para os estudos literários no Brasil. A reflexão acadêmica sobre a produção literária destinada a crianças, bem como sua qualidade, ainda é muito tímida e pulverizada por aqui. Se por um lado, os estudos sobre a leitura e a formação de leitores junto a essa faixa-etária têm a primazia nas universidades e nos programas governamentais; por outro lado, a literatura, que é o seu objeto real, tem ficado em segundo plano, mesmo esse segmento representando uma enorme fatia do mercado editorial no país. *Crítica, teoria e literatura infantil* coloca a literatura infantil em evidência e fortalece a reflexão que, há mais de quarenta anos, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil vem propondo e realizando, atualmente menos solitariamente, junto a seu grupo de especialistas votantes. **(Fabiola Farias)**

Peter Hunt apresenta crítica e teoricamente os atores da literatura infantil: escritores, ilustradores, editores, professores e pesquisadores dos livros para criança. Mesmo sendo um ensaísta britânico suas abordagens são abrangentes e universais. Apresenta e critica aspectos que diferenciam essa literatura daquela “para adultos”: o destinatário? Ou o vocabulário, os personagens, a estrutura narrativa? **(Maria das Graças M. Castro)**

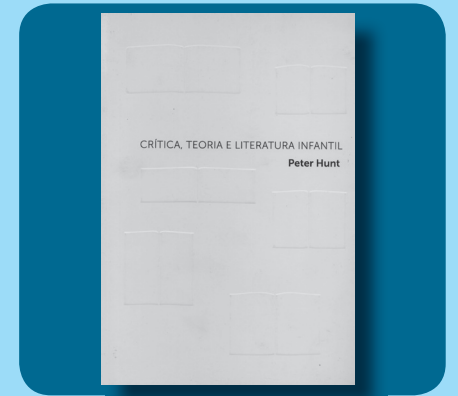
Um livro que merece fazer parte do acervo bibliográfico de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com a literatura infantil.

Publicado em 1991, *Criticism, Theory and Children's Literature*, de Peter Hunt, só foi

traduzido para a língua portuguesa recentemente por Cid Knipel, com o título *Crítica, teoria e literatura infantil*. Uma edição rica tanto na forma quanto no conteúdo, cuidadosamente revisada pelo autor, que veio contribuir como fonte de pesquisa para estudiosos, professores, bibliotecários, pedagogos e pesquisadores brasileiros, especialmente pelo fato de nossas fontes teórico/críticas terem se restringido preferencialmente a autores brasileiros. O olhar do outro que vem contribuir para o próprio e para o alheio.

Nesse livro, o professor inglês explora criticamente inúmeras facetas que envolvem o livro infantil, passando pela figura do crítico, do leitor, do professor, do estilo e da estilística, da narrativa, da política e ideologia, da produção e das novas mídias, deixando claro a importância de uma crítica coerente e judiciosa nos livros para crianças. Segundo Hunt, “a literatura infantil é diferente de outra literatura, e devia ter um tipo diferente de crítica e teoria” (p. 269). E é por causa dessa frase, a qual poderia ser compreendida como “mote” do livro, que a literatura infantil deve ser definida em termos de crianças e de literatura. Além disso, a ideia de que os livros para crianças são literatura simples, trivial e que se destinam a uma cultura menor são evidenciadas no texto como momentos cruciais de reflexão: o único elemento que a distingue é o seu público, e a literatura “é o que escolhemos fazer dela” (p. 90).

Entre inúmeras manifestações interessantes e inquietantes lançadas pelo professor-pesquisador, terminamos com o conceito de crítica para trabalharmos nessa área: a adoção da “crítica criancista”, ou seja, adultos lerem como crianças. Mas, parafraseando Hunt, o que significa ler como uma criança, dadas as complexidades da interação cultural? **(Tânia Piacentini)**



O livro *Crítica, teoria e literatura infantil*, de Peter Hunt, em edição primorosa pela Cosac Naify, é leitura obrigatória para estudiosos, professores de todos os níveis de ensino e para leitores comuns que têm interesse pela literatura infantil. Embora tenha sido publicado na Grã-Bretanha há 20 anos, a obra reacende uma bem-vinda discussão conceitual que recoloca a literatura infantil no patamar crítico e teórico dos estudos literários. As temáticas dos capítulos apontam questões substanciais para quem pesquisa e para quem atua na formação de professores, na formação de leitores. Elas oferecem recortes variados da literatura produzida para crianças, que vão desde a crítica propriamente dita, permeada pela reflexão em torno de sua definição, até a abordagem textual – verbal e imagética – que a caracterizam. A edição foi revista e ampliada – o capítulo A literatura infantil e as novas mídias, por exemplo, foi escrito recentemente – e o autor se preocupou em dialogar com repertórios culturais mais amplos, evitando o olhar “anglocêntrico”, como ele mesmo afirma no prefácio à edição brasileira. Por todas as razões apontadas, que promovem e renovam o diálogo intercultural no campo de estudos da literatura infantil. **(Gpell-Ceale)**

Prêmio FNLJ Figueiredo Pimentel – O Melhor Livro Reconto – Hors-Concours

Psiquê.

Angela-Lago. Il. Angela-Lago.
Cosac Naify

Assim Angela-Lago inicia a apresentação do lendário mito grego de Eros e Psiquê, cujo primeiro registro data do século II d.C.: “Esta história é de encantamento. Traz vida longa e boa sorte a todos que a escutam ou a leem”. Sem dúvida o projeto gráfico proporciona esse encantamento através do céu cheio de estrelas sugerido pela capa negra cheia de furinhos prateados. Adélia Prado assina o texto de quarta capa com a força de seu texto poético: “Não quero ferir a delicadíssima força desse livro feito de pura beleza. Rendo-me ao seu clima de sonho”. No livro, imagens deslumbrantes contrastam luz e sombra. A princesa “impossível de pintar ou descrever” e o monstro “mais terrível dos seres” surgem como silhuetas em meio a folhagens, grossos troncos ou um castelo iluminado em tons dourados. (Maria das Graças M. Castro)

A história de Cupido e Psiquê apareceu pela primeira vez nos registros de Apuleio, escritor do segundo século da nossa era. É uma

lenda muito mais recente que a maioria das outras da Idade da Fábula, que também nos foi apresentada em versos de T.K.Harvey. Angela-Lago, com sua maestria em recontar belas histórias brinda os leitores com *Psiquê*, cuja narrativa com uma linguagem inovadora e envolvente propicia ao público-alvo compartilhar cenas de ciúme, inveja, desconfiança e principalmente de amor que traz o conto. Uma nova elaboração dos personagens com admirável desenvoltura traz nova vida à história que não é contada apenas através de palavras, mas também de belas imagens que contribuem para a montagem de todo o cenário na imaginação do leitor. É um livro completo. (Rosa Maria Ferreira Lima)

Angela-Lago em *Psiquê* não apenas atualiza o mito já conhecido de Eros e Psiquê, mas o ilumina de forma delicada, surpreendente e reveladora, ao esconder o que deve permanecer oculto. Livro lindo. Uma obra de arte para muitas idades e interesses. (Sueli de Souza Cagneti)

“Esta história é de encantamento. Traz vida longa e boa sorte a todos que a escutam ou leem.” Dessa forma o leitor é convidado a ler uma antiga história de amor, recontada e redenhada por Angela-Lago. O



amor proibido de Psiquê e Eros se esconde e se mostra, nas páginas que projetam sombras e luzes, em uma espécie de jogo que faz cócegas na imaginação. A noite estrelada guarda, no livro fechado, esse amor. O ousado projeto gráfico reproduz o céu em papel escuro, cheio de pequenos furos por onde entra a luz das estrelas. O pequeno texto sobre a vida e obra da autora, ao final do livro, diz que ela “se inspirou no céu iluminado e nas vozes das estrelas para atualizar uma antiga lenda, transformando-a em um miniconto ilustrado”. O texto casado com as imagens guarda a memória dessas vozes. (Gpell – Ceale)

Prêmio FNLJ Figueiredo Pimentel – O Melhor Livro Reconto

Coleção Palavras rimadas com imagem: A história da Princesa do Reino da Pedra Fina; A história de Juvenal e o dragão e A história da garça encantada.

Leandro Gomes de Barros.
Recontadas por Rosinha.
Xilogravuras de Rosinha, Meca Moreno e Davi Teixeira. Projeto.

Três livros do poeta popular do Recife chamado Leandro Gomes de Barros resultaram nessa coleção, na qual Rosinha fez os recontos levando em conta o público-alvo. Escrito em linguagem simples e com pequenas frases, a autora nos dá uma amostra do trabalho de poesia popular que está nas histórias escritas por Leandro. Junto com a obra recontada segue um folheto impresso com os poemas para os leitores que quiserem conhecê-los na íntegra. São temas que prendem a atenção das crianças, visto que trabalham com suspense, amor e justiça. As ilustrações são lindas em xilogravura e bem escuras, ressaltando alguns objetos em cada página e causando uma agradável sensação para os nossos olhos. Os três livros são bons sem indicação do melhor entre eles. (Gláucia Maria Mollo)

Três folhetos de cordel foram recontados por Rosinha – *A história de Juvenal e o Dragão*, *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* e *A história da garça encantada*. Rosinha participou do trabalho das ilustrações com xilo, juntamente com os xilógrafos Meca Moreno e

Davi Teixeira.

Essas histórias pertencem à literatura de cordel e foram contadas e divulgadas pelo grande cordelista paraibano, Leandro Gomes de Barros. São três livros que trazem as histórias resumidas dos folhetos de cordel em prosa, uma breve biografia de Leandro Gomes de Barros, informações sobre o gênero do cordel e a reprodução dos três folhetos, na versão integral, que aparecem encartados na contracapa dos livros.

A coleção vem em uma bonita caixa de papel reciclado e traz ilustrações em xilogravuras. Quando comparamos o texto original com o reconto observamos que, ao recontar as histórias, houve economia de palavras, mas o conteúdo permaneceu fiel ao folheto. Destaque-se a bonita apresentação dos livros, o bom projeto editorial. As matrizes das xilos, geralmente, são feitas de madeira. A cor marrom e a imitação da fibra da madeira estão presentes em todas as páginas do livro. São livros artísticos. (Neide Medeiros Santos)

São três contos de Leandro Gomes de Barros (poeta popular pernambucano nascido em 1865) recontados com muito talento por Rosinha. O presente chega aos leitores em uma caixa de papel rústico. Além dos três livros coloridos e ilustrados com a técnica da xilogravura, cada volume traz na aba o livretinho contendo o texto integral. Um material deslumbrante. Maravilhoso! Digno de premiação! (Maria Tereza Bom-Fim Pereira)



A coleção é composta por três livros acondicionados em uma caixinha bem funcional: *A história de Juvenal e o Dragão*, *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* e *A história da Garça Encantada*. Cada obra, a adaptação de um título do célebre poeta popular Leandro Gomes de Barros (1865-1918), originariamente publicado como cordel, vem acompanhada por um livretinho com o formato original e a versão integral da história. Nos livros, as narrativas são recontadas por Rosinha, com muita precisão e graça, tendo sido selecionadas entre a vasta produção do poeta popular. É ela também a autora das ilustrações de cada um dos três livros, utilizando reproduções de matrizes de xilogravuras, de modo a preservar a atmosfera visual típica dos folhetos de cordel. (João Luis Ceccantini)

Prêmio FNLIJ Henriqueta Lisboa – O Melhor de Literatura em Língua Portuguesa

Avô, conta outra vez

José Jorge Letria. Il. André Letria. Peirópolis

Coleção de poemas de excelente qualidade, valorizando a voz do idoso que igualmente representa no texto a confiança necessária à construção da personalidade da criança, ouvinte dos versos. (Regina Zilberman)

José Jorge Letria, autor português, com seu filho, o ilustrador André Letria, fazem uma parceria completa nesse livro que é pura poesia. Através das palavras, o avô confia ao neto os seus desejos, sua doçura, suas histórias. O neto, que por sinal não aparece nenhuma vez nas ilustrações, representa a memória de uma geração que se une a outra de forma terna e eterna através da arte: “E peço que não te esqueças/do nosso encontro marcado/seja à esquina de um livro/ou num quadro bem pintado.” A capa dura do livro, assim como as páginas duplas, num tom de um colorido pastel, destacam os objetos, as fotografias, os animais, os livros. Tudo num conjunto que remete ao

pedido final do contador de histórias: Ó avô, conta outra vez? (Iraídes Coelho)

Delicadamente e em versos, Letria fala da relação bonita e sempre nova entre um avô e seu neto. Ao recordar passagens e ensinamentos, o avô conta histórias esperando que o neto lhe peça sempre que conte outra vez. E ao sugerir um tempo futuro, no qual já terá partido, pede que, como gesto de perpetuar esses momentos, seu menino possa lhe dizer ainda **Avô conta outra vez**. Livro bonito, com ilustrações sugestivas de André Letria, não depende de idade para ser lido com emoção e encantamento. (Sueli de Souza Cagneti)

Os versos em redondilha maior de José Jorge Letria, cheios de ritmo e musicalidade, revelam todo o sentimento construído pela intermediação da palavra de um avô por seu pequenino neto. É assim que o “eu lírico” declara seu amor pleno de delicadezas e singelas atitudes.

É por meio das histórias contadas por um avô ao seu neto que se dá o encontro entre as gerações – daquele que envelhece e do que está a chegar. E é também por meio



das palavras que os laços de afetividade vão se firmando e se intensificando, num fio atravessado de memória.

Na repetição do verso que dá título ao livro “Ó avô, conta outra vez”, a voz do neto exprime a importância do discurso, da palavra e das histórias no estabelecimento do forte vínculo firmado entre ambos para além da vida.

As ilustrações de forte caráter simbólico, em tons ocres, dialogam perfeitamente com as estrofes do poema; o projeto gráfico/editorial, de excelente qualidade, oferece um livro que encanta leitores de todas as idades. (Proale)

Congresso Internacional Leitura 2011:

Para ler o XXI

O Congresso Internacional Leitura 2011: Para ler o XXI a ser realizado entre os dias 25 a 29 de outubro, no Habana Tryp Hotel Sol Meliá, em Havana, Cuba, está com as inscrições abertas até o dia 30 de agosto de 2011. Este ano o evento discutirá a leitura como ato reflexivo e emocional, de comunicação abrangente das relações multifacetadas entre os homens e o universo, o tema será *Tem que conhecer as forças do mundo para colocar para funcionar*.

Realizado pelo Comitê Cubano do IBBY e América Latina e Caribe Presidência da Leitura e escrita, co-patrocinado pela FNLIJ, Canadá IBBY, Fundalectura Colômbia e uma leitura/IBBY México (Seções Nacionais do Brasil, Canadá, Colômbia e México do Conselho Internacional de Livros para Jovens, respectivamente). Patrocinadores

Centro Regional de Desenvolvimento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC), UNICEF, Instituto de Pesquisa da Cultura cubano Juan Marinello (ICIC) União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), do Ministério da Cultura (Mincult), Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC), entre outros órgãos.

A Comissão Organizadora é formada pela Presidente: Emilia Gallego Alfonso (Cuba); Vice-Presidente: Patricia Aldana (Canadá); Elizabeth D'Angelo Serra (Brasil); Carmen

Barvo (Colômbia) e Azucena Galindo (México). Coordenador Geral: Aimée Vega Belmonte (Cuba); Secretária Executiva: Maria de los Angeles Benavides Torres (Cuba)

Secretaria de Relações Internacionais: Enrique Pérez Díaz (Cuba); Consultoria: George Arias Leyva (Cuba), Mercedes Alfonso Chomat dole (Cuba), Naomi Gayoso Suárez (Cuba), Denise Alvarez Ocampo (Cuba), Maribel Cat Díaz (Cuba), Sandra Comino (Argentina). Comitê Científico: Presidente: Dr. Luis Álvarez Álvarez (Cuba); Vice-Presidente: Dr. Nilma Gonçalves Lacerda (Brasil); Secretariado Científico: Dr. Leticia Rodríguez Pérez (Cuba); Consultoria: Dr. Dolores Prado (Brasil), Dra. Angela Pradelli (Argentina), Dra. Elsa Ramírez Leyva (México).

Serão desenvolvidas diversas atividades acadêmicas. As palestras tratarão de temas diversificados como Mundo sem fim: o momento de leitura da crise; Acesso ao ler o livro e os mediadores; Várias leituras, múltiplos saberes; A leitura dos enigmas da arte e texto; Primeiro Simpósio Internacional sobre o livro para bebês, crianças e jovens do livro e sua leitura de hoje, além de Palavra e Imagem, Mediadores; Vantagens e Desafios; Seminário-Oficina: O papel da leitura no desenvolvimento humano; Leitura e sociedade: a família, a comunidade ...; Leitura, escola e educação para a vida; Leitura e universidade: um desafio para a pesquisa; Leitura e biblioteca: “Fazer mais com menos.

Os Painéis debaterão sobre Leitura e tecnologia. Para o gerenciamento ético



do futuro; Leitura e violência: os crimes encobertos contra diferentes, contra os mais vulneráveis, contra nosso planeta, contra o invisível ...; Leitura, saúde e sociedade: uma relação adiada; Responsável leitura e meios de comunicação de massa.

O Congresso Internacional Leitura 2011 oferece o IV Workshop Internacional IBBY trabalho para as crianças e contará com a participação de escritores, ilustradores, designers, editores, críticos, pesquisadores, educadores, bibliotecários, livreiros, revistas, cientistas, sociólogos, psicólogos, tradutores, promotores de leitura, os profissionais de saúde, os meios de comunicação, marketing e publicitários, estudantes e outros. O idioma oficial é o Espanhol e o Inglês. Mais informações através do email emyga@cubarte.cult.cu ou www.ibbycuba.org.

ALB promove minicursos

A Associação de Leitura do Brasil – ALB - responsável pela organização dos Congressos de Leituras do Brasil – COLE – eventos realizados na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, divulgou recentemente a mudança de data do 18º COLE, anteriormente agendado para 2011, para os dias 16 a 20 de julho de 2012. O tema será O mundo grita. Escuta?

De acordo com o prof. Antonio Carlos Amorim, presidente da ABL, com o adiamento, a organização terá mais tempo para discutir coletivamente a estrutura proposta para evento, escolher os convidados e amadurecer a relação dos eixos temáticos atuais com o COLE. As inscrições para apresentação de

trabalho e para demais categorias de participação serão abertas no segundo semestre de 2011.

Como parte da realização do 18º COLE, a ABL está coordenando minicursos que serão realizados no dia 15 de julho, sexta-feira, das 8:30h às 12:30h e das 14:00h às 18:00h na Faculdade de Educação da Unicamp, direcionados aos professores da Educação Básica e do Ensino Superior e estudantes de graduação e pós-graduação interessados no assunto.

O evento intitulado *Encontros com a ALB* é uma série de palestras que visa debater as diversas temáticas sobre a leitura com a presença de vários profissionais especializados no setor literário. Estarão presentes representantes da Faculdade de Educação/Unicamp, PUC-Campinas,

UFSCar, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, FEUSP, Universidade Federal do Oeste do Pará, Labjor, UFAlfenas/MG, FaE/Ceale/UFMG, GEPEC/Unicamp, USF, Laborarte/FE/Unicamp, HS Produtora e Mídia Educativa. Elizabeth Serra, coordenadora dos seminários de literatura infantil e juvenil nos Congressos de Leitura do Brasil, ministrará o minicurso *Uma rápida visão sobre a Produção Literária para Crianças e Jovens no Brasil*. Cada pessoa pode se inscrever somente em um minicurso do Encontros com a ALB. Inscrições encerram-se no dia 30 de junho. A carga horária é de oito horas e haverá certificado de participação. Mais informações sobre o COLE e o Encontros com a ALB no site www.alb.com.br

ERRATA

Erramos ao escrever Costa, em vez de Cabo, referindo-nos ao país Cabo Verde, uma das oito nações que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, homenageadas do 13º Salão FNLIJ de Livro para Crianças e Jovens, no Notícias 4, do mês de abril de 2011. Pedimos desculpas aos leitores.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros; Ação Social Claretiana (Ave Maria); Agência Literária BMSR (Agência Riff); Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Barsa Planeta Internacional; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Centro da Memória da Eletricidade no Brasil; Comércio Nac.Edt de Livros Ltda – CONEL; Companhia das Letrinhas; Companhia Editora Nacional – IBEP; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Distribuidora Record de Serv. De Imprensa; Duna Dueto Editora Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Brasiliense; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora e Distribuidora Ciranda Cultural Ltda; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê/Compor; Editora Leitura; Editora Manole; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Mercury Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original (Panda Books); Editora Positivo; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Salamandra Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Sextante/Marcos da Veiga Pereira; Editora Vermelho Marinho Usina de Letras Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Escolas Profissionais Salesianas; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Casa de Lygia Bojunga; Girafinha Editora; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Estampapa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Inst.Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editor; L&PM Editores S/A; Littere Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Mazza Edições Ltda; MR Bens Editora e Gráfica Ltda. (Ao livro técnico); Noovha América Editora Distrib. De Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothke Artes Ltda; Pinto e Zincone Editora Ltda; Planeta do Brasil Ltda; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edição e Comércio de Livros; Saraiva S/A Livrários Editores (Atual / Formato); Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL; Uni Duni Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda; Zit Editora.

EXPEDIENTE Fotolito e Impressão: PwC • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Jornalista: Claudia Duarte – Mtb. 27.571/RJ • Revisão: Lucília Soares • Diagramação: Horacio Costa Design • **Gestão FNLIJ 2008-2011** • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Ligia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hertz, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias.

telefone: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

APOIO

pwc

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO